

"

ATUAÇÃO PSICOLÓGICA EM ORGANIZAÇÕES SOLIDÁRIAS

Gleice Schürhaus da Silva, Juliana Klein Rabello

Acadêmicas do Curso de Psicologia da UFSC

Maria Chalfin Coutinho, Dra.

Professora do Departamento de Psicologia da UFSC (Coordenadora)

chalfin@mbox1.ufsc.br

Resumo

Atualmente, crescem os protestos em prol de alternativas para solucionar problemas como desemprego e intensa exclusão social, decorrentes de um sistema capitalista. Frente a isto, cabe destacar a ampliação e o desenvolvimento de organizações populares fundadas nos princípios da solidariedade, as quais oferecem oportunidade real de reinserção econômica, transformando desempregados em micro-empresários ou operadores autônomos.

Palavras-chave: Organizações Solidárias, Cooperativismo, Psicologia Social e do Trabalho.

Introdução

O capitalismo, ao longo de seu desenvolvimento histórico, vem se transformando segundo as necessidades ditadas por suas crises de caráter cíclico. Estas transformações têm modificado o mundo do trabalho nas últimas décadas. A globalização (mundialização do capitalismo) trouxe repercussões profundas nas realidades industriais de diversos países.

Observou-se a partir dos anos 70 uma intensa crise estrutural do capitalismo. Esta crise trouxe consigo uma série de mudanças que visam à retomada dos níveis anteriores de expansão do capital. Uma das formas de alcançar este objetivo foi através de diferentes processos de reestruturação da produção e do trabalho, buscando, assim, alternativas para o padrão taylorista/fordista (Antunes, 2000).

A reestruturação produtiva trouxe conseqüências significativas para os trabalhadores. Entre estas conseqüências é possível destacar a questão do desemprego e da precarização das relações de trabalho, dois fenômenos profundamente associados (Mattoso, 1999; Singer, 2000; Pochmann, 2001).

O acentuado crescimento do desemprego, observado em diferentes países a partir da crise estrutural do capitalismo, foi sentido mais fortemente no Brasil depois de 1990,

"

"

com a abertura do mercado interno às importações. Entretanto, para Singer (2000) o desemprego pode ser considerado como:

...uma espécie de ponta de um iceberg muito maior, qual seja, a deterioração das relações de trabalho. Esta deterioração não pode ser atribuída unicamente nem principalmente à abertura de mercado. É que junto com a abertura, nossos governos desregulamentaram o comércio externo e o sistema financeiro, extinguiram o controle dos preços e criaram uma âncora cambial para estabilizar preços que tornou o Brasil dependente de maciças entradas de capital externo. O resultado destas mudanças tem sido a elevação do desemprego e subemprego em todas as suas formas e o agravamento da exclusão social. (p. 7).

O mesmo autor alerta para o fato de que vêm sendo empregadas políticas fiscais e monetárias que visam manter uma relativa estabilidade de preços, evitando o “aquecimento” exagerado da economia “... o que na prática implica em manter uma generosa margem de sobre oferta da força de trabalho. Neste sentido, o desemprego não é um ‘mal’, mas um efeito funcional de políticas estabilizadoras exitosas” (Singer, 2000, p.13).

Assim, a concorrência entre as empresas obriga-as a reduzir custos e, por conseqüência, aumentar ao máximo a produtividade do trabalho, implicando na redução significativa da compra de força de trabalho. Desta maneira, segundo Singer (2000), os desempregados passam a desempenhar o mesmo papel que as mercadorias que sobram nas prateleiras, evitando que os salários subam.

Estamos vivendo em um momento de crise, desemprego e intensa exclusão social. Período no qual homens e mulheres tornaram-se descartáveis, como meras mercadorias de prateleiras de supermercados, de maneira que os excluídos se tornam multidões. Em todo o mundo, crescem os protestos em prol de alternativas pra solucionar tais problemas. Entre estas alternativas destacam-se aquelas que visam garantir a sobrevivência das camadas mais atingidas da população, oferecendo oportunidade real de se re-inserirem na economia por sua própria iniciativa; transformando, dessa forma, desempregados em microempresários ou operadores autônomos. Neste sentido, cabe destacar a ampliação e o desenvolvimento de organizações populares, fundadas nos princípios da solidariedade, as quais se constituem em alternativas de trabalho e geração de renda para trabalhadores excluídos do mercado de trabalho formal ou informal.

Os estudiosos neste campo, particularmente no que vem sendo conhecido como a chamada economia solidária, divergem tanto no que diz respeito aos conceitos, como ao alcance destas experiências. Singer (2000) considera este tipo de experiência como:

"

"

...um projeto de organização sócio-econômica por princípios opostos ao *laissez-faire*: em lugar da concorrência, a cooperação; em lugar da seleção darwiniana dos mecanismos de mercado, a limitação - mas não eliminação! - destes mecanismos pela estruturação das relações econômicas solidárias entre produtores e consumidores. (p. 9).

Gaiger (2000), acredita que a Economia Solidária estaria apontando para a possibilidade da criação de uma forma social de produção diferente, mas que convive com a forma de produção capitalista e com a forma social de produção assalariada. Lisboa (2000), coloca que a economia solidária foi concebida para atuar fora da esfera estatal e em paralelo à economia mercantil, fundando-se “na tradição familiar, na economia camponesa, no trabalho por conta própria, artesanal, nas cooperativas e empresas autogestionárias”.

Machado e Ribas (2001) acreditam ser o objetivo central da economia solidária a geração de possibilidades econômicas destinadas à reintegração dos “excluídos” pela ordem neoliberal de forma que passem a pertencer novamente ao processo de produção, constituindo, assim, alternativas de trabalho e de renda.

Singer (2000), apesar de afirmar que a economia solidária não se constitui uma panacéia para a exclusão social, já que consiste em um fenômeno inerente ao capitalismo, a considera como uma alternativa prática e factível para este modo de produção no atual momento histórico.

Machado e Ribas (2001) fazem uma leitura mais crítica em relação às experiências e, particularmente, às análises teóricas que apontam para o potencial emancipatório da economia solidária. Apesar desta crítica os autores consideram que:

...aglutinar trabalhadores urbanos excluídos pelo capitalismo em torno de iniciativas que, ao menos potencialmente, e pelo menos por algum tempo, possam lhes garantir a possibilidade de algum trabalho e alguma renda; trabalhar para consorciar de alguma forma pequenos produtores rurais incapazes de promover sua reprodução social, são tarefas que a universidade tem o dever de prestar sua solidariedade. (p. 9).

Considerando que cabe à universidade pública empreender ações de extensão e visando solidarizar-se com estas iniciativas de organizações solidárias de trabalho através do aporte técnico e científico acadêmico, o projeto “Assessoria Psicológica a Organizações Solidárias de Trabalhadores” buscou estimular a criação e facilitar o desenvolvimento de organizações solidárias de trabalhadores. Para isto, considerou-se importante a utilização de conhecimentos e técnicas de intervenção desenvolvidas no campo da Psicologia Social e

"

"

Comunitária, buscando-se ampliar o campo da Psicologia do Trabalho. Considerou-se importante, também, contribuir para a criação de formas alternativas de geração de trabalho e renda e, acima de tudo, estimular os trabalhadores no desenvolvimento da solidariedade e da autonomia, representando alternativas de sobrevivência, isto é, possibilitando a redução das condições de miséria de muitos trabalhadores expulsos da produção formal.

Estes trabalhadores que, no capitalismo, são formados para exercerem papéis de empregados, na medida em que se deparam com uma realidade nova, na qual de subordinados passam a ser donos do próprio negócio, precisam transformar suas identidades profissionais diante do novo contexto de trabalho. A importância da atuação psicológica foi preparar esses trabalhadores, no sentido de romper com velhos papéis e assumir outros que são requeridos pelas novas organizações, resignificando a identidade profissional e coletiva dos integrantes de cooperativas, associações etc...

A psicologia tem, no que se refere ao trabalho, muitas possibilidades de atuação, sendo de grande importância na medida em que possibilita resgatar, escutar as experiências dos trabalhadores, seus sofrimentos, seu dia-a-dia... E, a partir desta escuta, produz uma consciência crítica nestes trabalhadores, propondo novas formas de experienciar o trabalho, reivindicando direitos, atuando de forma mais autônoma e solidária. A contribuição da psicologia também deve acontecer no sentido do fortalecimento dos vínculos grupais, possibilitando que o estreitamento dos laços entre integrantes dos coletivos de trabalho constitua-se como um elemento potencializador da atividade grupal.

Tendo em vista os aspectos acima arrolados, o presente artigo discorrerá a respeito do projeto "Assessoria Psicológica a Organizações Solidárias de Trabalhadores". Sendo assim, trará ao longo de seu texto a metodologia utilizada na efetivação deste projeto, os resultados alcançados paralelamente a discussões tecidas sobre os mesmos e, por fim, conclusões gerais obtidas com tal ação de extensão.

Material e Métodos

Diferentemente das práticas tradicionais da psicologia do trabalho, voltadas para a produtividade e a lucratividade, a psicologia do trabalho voltada para as organizações solidárias visa ao desenvolvimento da autonomia e da solidariedade, buscando re-significar a identidade profissional do trabalhador/cooperado, fortalecendo o vínculo grupal. Assim, na mesma linha de pensamento de Freitas (apud Campos 1996), procurou-se, utilizando

"

"

métodos e processos de conscientização, trabalhar com os grupos populares a fim de que eles assumissem progressivamente o papel de sujeitos de sua própria história e fossem ativos na busca de soluções para os problemas enfrentados.

Partindo do entendimento a respeito do processo grupal, buscou-se uma maneira de intervenção profissional adequada aos coletivos solidários. Utilizando teorias e métodos da psicologia de trabalhos feitos em comunidades de baixa renda, como em experiências em bairros populares, favelas, associações de bairro e movimentos populares, estas práticas visaram à melhoria das condições de vida da população trabalhadora, partindo de um levantamento das necessidades e carências vividas pelo grupo-cliente.

Iniciou-se o trabalho realizando uma pesquisa bibliográfica a respeito de economia solidária e cooperativismo, bem como um levantamento eletrônico das Organizações Solidárias de Trabalhadores (OST) localizadas na Grande Florianópolis. Posteriormente, procurou-se entrar em contato com aquelas que se enquadravam nos padrões de intervenção do projeto (ARESP, CAPCOOPER, COOEPAD, COOPERBARCO, COOPERFAZ, COOPVEST, COOTRAGEL, Dom Natural – Cooperativa de Agricultura Familiar); com comunidades que a princípio tinham como finalidade constituir OST (Rendeiras do Forte de São José da Ponta Grossa e Associação de Moradores do Morro da Penitenciária - esta última juntamente com o PET de Serviço Social da UFSC), mas que apresentaram número insuficiente de pessoas, ou para cumprir este objetivo - como no primeiro caso -, ou ainda, que tenham se demonstrado interessadas - como no segundo caso; com entidades de apoio à economia solidária (ASA, CEFET – ECOSOL, DRT, OCESC) e também com núcleos e professores pesquisadores dessa área (TMT/CFH/UFSC, ADM/CSE/UFSC, PET-SS/CSE/UFSC).

Foi possível implementar a ação do projeto com uma cooperativa (COOEPAD – Cooperativa Social de Pais, Amigos e Portadores de Deficiência). Após terem sido efetuados contatos com o presidente e os voluntários da mesma a respeito da assessoria psicológica, foi elaborado um modelo de intervenção pautado nas temáticas sugeridas como pertinentes para serem trabalhadas, em particular com os cooperados portadores de deficiência da referida cooperativa.

.....

³"CUC<"Cuuqekcèçq"Cts wlf kqegucpc"fc"Hqtclpôr qtku="EGHGV"/ "GEQUQN<"Egptq"Hgf gtcil'f'g"Gf vecèçq"Vgepqroi kec/"Hgtc"fg"Geqqo kc"Uqkf âtk="F TV<"F grgi cekc" Tgi kqpcil'f'q"Vtcdcj q="QEGUE<"Ulpf kecq"g"Qti cpk cèçq"fcu"Eqqr gtcvkcu'f'q"Guwcf q"fg'Ucpc"Ecvtlpc0"

"

"

Esta intervenção teve por finalidade fortalecer o trabalho coletivo estimulando a autonomia e a solidariedade nos seus integrantes, aprimorando assim, o vínculo do grupo. Também se teve como objetivo entender o funcionamento e as características deste coletivo. Para tanto, foi desenvolvido um módulo de intervenção grupal, em 3 encontros (carga horária total de 6 horas), utilizando-se técnicas de dinâmicas de grupo, consideradas como adequadas às necessidades específicas deste coletivo.

O primeiro encontro foi realizado com um grupo de dezesseis integrantes da COOEPAD, o qual objetivou conhecê-los e levantar o que era considerado agradável, ou não, no trabalho cooperativo ali desenvolvido. Palavras como *alegria, amizade, amor, carinho, felicidade, justiça, paz, união, cantar, namorar, bens materiais (carro, computador, telefone)* e *ritmo acelerado de trabalho* foram mencionadas como aspectos positivos existentes na cooperativa, enquanto que *agressão (briga, discussão, empurrão, grito, pontapé, resmungo, soco, tapa, xingamento), droga, fofoca*, assim como *preconceito em relação a eles por parte de crianças que fazem apoio pedagógico próximo a COOEPAD* foram lembrados como aspectos negativos.

No segundo encontro, procurou-se ressaltar a importância das diversas formas de comunicação no ambiente grupal, além da necessidade de saber ouvir e repassar informações devidamente. Nessa oportunidade, o grupo demonstrou compreender a imprescindibilidade do processo comunicativo e o que é necessário para que ele se dê eficazmente, porém foi verificado que durante a atividade prática ocorreu ruído e distorção consideráveis na passagem da informação.

No terceiro e último encontro, buscou-se verificar a importância atribuída pelos integrantes do grupo aos valores coletivos, bem como colocar em questão condutas consideradas adequadas e inadequadas no ambiente de trabalho. Dentre os seguintes valores apresentados: *amizade, competição, cooperação, desentendimento, discussão, harmonia, liderança, participação, respeito, união*, em geral, o grupo elegeu *amizade* e *respeito* como essenciais para o desenvolvimento de um bom trabalho cooperativo, ao passo que *discussão* e *desentendimento* foram classificados como inapropriados para tal intento.

Partindo do pressuposto de que pais e voluntários também se constituem como cooperados da COOEPAD, foi proposto um semelhante processo de intervenção a ser desenvolvido com os mesmos, a fim de que se pudesse estar dando plena continuidade a este trabalho. No entanto, uma vez que o número de pessoas interessadas na atividade revelou-se insuficiente, não foi possível sua realização.

"

"

Resultados e Análise

Foram encontradas algumas dificuldades com relação à aceitação da proposta de intervenção por parte das cooperativas, bem como a escassez de técnicas de trabalho grupal adequadas para pessoas portadoras de deficiência e com baixa escolaridade, pouco acostumadas com o debate e a tomada de decisões coletivas, sendo necessária a adaptação e criação de técnicas mais apropriadas.

Os esforços empreendidos até aqui, contudo, revelaram que a parceria entre a UFSC e a comunidade é bastante enriquecedora. O contato com as Organizações Solidárias de Trabalhadores nos mostrou o quanto um apoio externo é essencial para sua sobrevivência, visto que freqüentemente a criação, manutenção e desenvolvimento desse tipo de organização dependem de apoio de educadores (professores de escolas técnicas, da secretaria de educação ou da própria universidade), de sindicalistas ou de técnicos de outras entidades. Sabe-se o quanto as organizações solidárias têm dificuldade de se inserir no mercado, uma vez que competem com outras organizações mais adaptadas à nossa realidade, e, portanto, requerem todo apoio possível. Buscou-se oferecer um suporte do tipo psicossocial, ao mesmo tempo em que se procurou estimular a autonomia dos coletivos de trabalhadores, atuando de acordo com suas demandas e estimulando sua independência, amparando-os sobretudo na dimensão subjetiva.

Em suma, como uma repercussão fundamental, verificou-se que atuando no processo grupal pode-se auxiliar a cooperativa - a qual muitas vezes se constitui apenas como um agrupamento - a se envolver, por meio de discussões a respeito dos fundamentos cooperativistas, na luta contra a opressão, injustiça e desigualdade, isto é, pode-se ajudá-la a construir um projeto comum que a transforme em grupo, uma vez que a sua estruturação enquanto tal é o que possibilita uma luta eficaz contra a precarização das relações de trabalho e a exclusão social.

Considerações Finais

Ao longo do ano de 2004, constatou-se uma resistência quanto à aceitação do presente projeto por parte dos coletivos de trabalhadores contatados. Embora reconhecessem a necessidade de uma assessoria psicológica, estes grupos alegavam, na maioria das vezes, que intervenções durante a jornada de trabalho acarretariam em

"

"

prejuízos para a produção e, conseqüentemente, haveria um declínio no rendimento financeiro dos cooperados.

Como decorrência disto, em vários momentos chegou-se a questionar a aplicabilidade do projeto, uma vez que a realização de intervenções em um horário que fosse alternativo ao da jornada de trabalho cada vez mais se revelou como uma tarefa praticamente impossível, devido às inúmeras dificuldades trazidas pelos próprios cooperados na tentativa de se encontrar tal horário que não o do expediente. E, por outro lado, quando a ocorrência das intervenções durante a jornada de trabalho parecia não significar maiores problemas à cooperativa, a falta de comprometimento dos cooperados frente à atividade que seria realizada colocou-se como uma questão recorrente e, sendo assim, decepcionante então para as pessoas envolvidas neste projeto, as quais tanto se dedicaram para que ele de fato pudesse ser visualizado na prática.

Quanto ao grupo no qual foi possível desenvolver a intervenção, pôde-se concluir que o mesmo apresentou-se bastante coeso e disposto a colaborar em relação às dinâmicas aplicadas, pois ainda que houvesse muitos integrantes tímidos, todos acabaram por participar 'colocando-se a sua maneira' e contribuindo, desse modo, para o avanço bem sucedido da intervenção. Todavia, cabe ressaltar que foi observado um determinado nível de dificuldade quanto à execução das atividades como um todo, na medida em que, embora tenham sido adaptadas às necessidades especiais deste coletivo, o grupo demonstrou certas limitações no que diz respeito à apreensão do enunciado e dos objetivos por elas propostos.

Por fim, afora os empecilhos não raramente deparados e já anteriormente descritos, observou-se a importância das contribuições da psicologia quanto à compreensão de fenômenos grupais, fornecendo estratégias de resgate da cidadania e da consciência coletiva, estimulando a reflexão dos trabalhadores sobre o seu potencial como agentes de mudanças sociais.

Referências

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

"

:

"

CAMPOS, R. H. de Freitas. (org.) **Psicologia social comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GAIGER, L. I. Sentido e Possibilidades da Economia Solidária Hoje. In: KRAYCHETE, G., LARA, F., COSTA, B. **Economia dos Setores Populares**: Entre a Realidade e a Utopia. Rio de Janeiro: Vozes, (pp.167-190), 2000.

LISBOA, A.de M. **Empresa Cidadã**: na metamorfose do capital? Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

MACHADO, L. C. P. e RIBAS, C. **Economia solidária**: solução ou engodo? UFSC, mimeo, 2001.

MATTOSO, J. **O Brasil desempregado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização**. São Paulo: Boitempo, 2001.

SINGER, P. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 2000.

_____ **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

"

;